

a história de
Mushkil Gusha

A História de Muskil Gusha

Era uma vez, a menos de mil milhas daqui, um pobre lenhador viúvo que vivia com sua pequena filha. Todos os dias costumava ir às montanhas cortar lenha que trazia para casa e atava em feixes. Então, depois da primeira refeição, caminhava até o povoado mais próximo, onde vendia a lenha e descansava um pouco, antes de voltar para casa.

Um dia, ao chegar em casa já muito tarde, a menina lhe disse:

- Pai, às vezes desejo que pudéssemos ter uma comida melhor, com mais fartura e maior variedade de coisas para comer.

- Está bem, minha filha - respondeu o velho - amanhã, me levantarei mais cedo do que costumo, irei mais longe nas montanhas, onde há mais madeira e trarei uma quantidade de lenha muito maior do que a de costume. Chegarei em casa mais cedo, enfeixarei a lenha mais depressa e irei ao povoado vendê-la para que possamos ter mais dinheiro. E lhe trarei toda espécie de coisas deliciosas para comer.

Na manhã seguinte, o lenhador se levantou antes da aurora e foi para as montanhas. Trabalhou arduamente cortando e empilhando lenha, que amarrou num enorme feixe e carregou nos ombros até sua cabana. Quando chegou, era muito cedo ainda. Colocou sua carga de lenha no chão e bateu à porta, dizendo:

- Filha, filha, abra a porta, pois tenho fome e sede e preciso comer alguma coisa antes de ir ao mercado.

Mas a porta estava trancada. O lenhador estava tão cansado que se deitou no chão e logo adormeceu profundamente, ao lado do feixe de lenha.

A menina, tendo esquecido completamente a conversa da noite anterior, ainda dormia. Horas depois, quando o lenhador acordou, o sol já

estava alto. Bateu novamente à porta, dizendo:

- Filha, filha, venha logo. Preciso comer alguma coisa e ir ao mercado vender a lenha, pois já é muito mais tarde do que costumo ir.

Mas, havendo esquecido completamente a conversa da noite anterior, a menina já havia se levantado, arrumado a casa e saído para uma caminhada. Trancara a porta, supondo, em seu esquecimento, que o pai ainda estivesse no povoado.

Então, o lenhador pensou consigo:

- Já é tarde demais para ir ao povoado. Portanto, voltarei às montanhas e cortarei outro grande feixe de lenha, que trarei para casa e, assim, amanhã, levarei ao mercado uma carga dobrada.

Durante todo aquele dia o velho homem trabalhou arduamente nas montanhas, cortando e enfeixando lenha. Já era noite quando chegou em casa com a lenha nos ombros. Depositou o fardo atrás da casa, bateu à porta e disse:

- Filha, filha, abra a porta, pois estou cansado e não comi nada o dia inteiro. Tenho carga dupla de lenha que espero levar amanhã ao mercado. Preciso dormir bem esta noite para recuperar as forças.

Mas não houve resposta. A menina estava com muito sono ao chegar em casa. Havia preparado sua comida e se deitara. A princípio ficara preocupada com a ausência do pai, mas concluiu que ele tinha resolvido passar a noite no povoado.

O lenhador, cansado, faminto, com sede e vendo que não podia entrar em casa, deitou-se mais uma vez ao lado dos fardos de lenha e adormeceu profundamente. Embora preocupado com o que pudesse ter acontecido à filha, não conseguiu manter-se acordado.

Na manhã seguinte, devido ao frio, à fome e ao cansaço, o lenhador acordou muito cedo, antes mesmo do dia clarear.

Sentou-se e olhou a sua volta, mas não podia ver nada. Foi então que aconteceu uma coisa estranha. O lenhador pensou ouvir uma voz que dizia:

- Depressa! depressa! Deixa tua lenha e vem por aqui. Se necessitas muito e desejas pouco, terás um alimento delicioso.

O lenhador se levantou e caminhou em direção à voz. Andou e andou, mas nada encontrou.

Já então sentia mais frio, fome e cansaço do que nunca e estava perdido. Estivera cheio de esperança, mas isto não parecia tê-lo ajudado. Ficou triste e sentiu vontade de chorar. Mas percebeu que chorar em nada o ajudaria. Então, deitou-se e adormeceu. Logo, acordou novamente, pois fazia muito frio e ele sentia demasiada fome para conseguir dormir. Decidiu então narrar, como se fosse um conto, tudo o que lhe acontecera desde que a filha lhe dissera que desejava um tipo de comida diferente.

Assim que terminou sua história, pensou ouvir outra voz, vinda de cima, como se estivesse saindo do amanhecer, que dizia:

- Velho homem, o que fazes aí sentado?

- Estou me contando a minha própria história - respondeu o lenhador.

- E como ela é? - perguntou-lhe a voz

O velho repetiu sua narração.

- Muito bem, disse a voz. E então recomendou ao velho lenhador que fechasse os olhos e subisse, como se houvesse um degrau.

- Mas não vejo degrau nenhum, retrucou o velho.

- Não importa, faz como te digo, ordenou a voz.

O velho fez o que lhe era indicado. Assim que fechou os olhos, encontrou-se de pé e, ao levantar o pé direito, sentiu que sob ele havia alguma coisa, como um degrau.

Começou a subir o que parecia ser uma escada. De repente, a escada começou a se mover muito rapidamente e a voz lhe disse:

- Não abras os olhos até que eu te indique.

Quase em seguida, a voz mandou que o velho abrisse os olhos. Ao fazê-lo, viu que se encontrava em um lugar que parecia um deserto, com o sol queimante sobre sua cabeça. Estava rodeado por montes e montes de pequenas pedras de todas as cores: vermelhas, verdes, azuis, brancas. Parecia-lhe estar sozinho. Olhou em volta e não viu ninguém. Mas a voz começou a falar:

- Pega tantas pedras quantas puderes, fecha os olhos e desce novamente os degraus.

O lenhador fez como lhe foi dito. E, quando a voz ordenou que abrisse novamente os olhos, encontrou-se diante da porta de sua própria casa. Bateu à porta e sua filha atendeu.

Ela lhe perguntou onde havia estado e o pai lhe contou o que acontecera, embora a menina mal pudesse entender o que ele dizia, porque tudo lhe parecia muito confuso.

Entraram em casa e compartilharam o último alimento que tinham: um punhado de tâmaras secas.

Quando terminaram, o velho pensou ouvir uma voz que novamente lhe falava, uma voz exatamente igual àquela que o mandara subir os degraus.

A voz disse:

- Embora não o saibas, foste salvo por Mushkil Gusha. Lembra-te de que Mushkil Gusha está sempre aqui. Assegura-te de que todas as quintas-feiras à noite comerás algumas tâmaras e darás outras a alguma pessoa necessitada, a quem contarás a história de Mushkil Gusha. Ou dê um presente em nome de Mushkil Gusha a alguém que ajude aos necessitados. Faz com que a história de Mushkil Gusha nunca seja esquecida. Se assim fizeres e se o mesmo for feito por aqueles a quem contares esta história, as pessoas que tiverem verdadeira necessidade encontrarão seu caminho.

O lenhador colocou todas as pedras que trouxera num canto de sua pequena cabana. Pareciam simples pedras e ele não soube o que fazer com elas.

No dia seguinte, levou seus dois enormes feixes de lenha ao mercado e os vendeu facilmente, por ótimo preço. Ao voltar para casa, trouxe para sua filha toda espécie de deliciosas iguarias que ela até então jamais havia provado. E quando acabaram de comer, o velho lenhador falou:

- Agora vou te contar toda a história de Mushkil Gusha. Mushkil Gusha é o dissipador de todas as dificuldades. Nossas dificuldades foram dissipadas por Mushkil Gusha e devemos sempre lembrar-nos disso.

Durante quase uma semana o velho homem continuou como de costume. Ia às montanhas, trazia lenha, comia alguma coisa, levava a lenha ao mercado e a vendia. Sempre encontrava comprador, sem dificuldades.

Chegou então a quinta-feira seguinte e, como é comum entre os homens, o lenhador esqueceu-se de repetir a história de Mushkil Gusha. Nessa noite, já tarde, apagou-se o fogo na casa dos vizinhos do lenhador.

Os vizinhos não tinham com que reacender o fogo. Foram à casa do lenhador e disseram:

- Vizinho, vizinho, por favor dá-nos fogo dessas tuas maravilhosas lamparinas que vemos brilhar através da janela.

- Que lamparinas? perguntou o lenhador.

- Vem aqui fora e verás - responderam os vizinhos.

Então o lenhador saiu e viu, realmente, quantidades de luzes que, vindas de dentro, brilhavam através de sua janela. Voltou para dentro de sua casa e viu que a luz irradiava do monte de pedras que ele colocara em um canto.

Mas os raios de luz eram frios e era impossível usá-los para acender fogo. Tornou então a sair e disse:

- Sinto muito, vizinhos, mas não tenho fogo! E bateu-lhes a porta na cara. Os vizinhos ficaram aborrecidos e confusos e voltaram para casa resmungando.

Mas aqui eles abandonam nossa história.

Rapidamente o lenhador e sua filha cobriram as brilhantes luzes com quantos panos encontraram, com medo de que alguém visse o tesouro que possuíam.

Na manhã seguinte, ao retirarem os panos, descobriram que as pedras eram gemas preciosas e luminosas.

Levaram-nas, uma por uma, aos povoados vizinhos, onde as venderam por muito bom preço. O lenhador decidiu, então, construir um esplêndido palácio para ele e sua filha.

Escolheram um lugar justamente em frente ao castelo do rei de seu país. Em muito pouco tempo um magnífico edifício havia tomado forma.

Esse rei tinha uma linda filha que, um dia, ao levantar-se de manhã, viu um castelo que parecia de fadas, bem em frente ao de seu pai e ficou muito surpresa. Perguntou a seus servos:

- Quem construiu esse castelo? Que direito tem essa gente de fazer tal coisa tão perto de nossa moradia?

Os criados saíram e foram investigar. Voltaram e contaram à princesa a história, até onde conseguiram averiguar.

A princesa mandou chamar a filha do lenhador, pois estava muito zangada com ela, mas, quando as duas meninas se conheceram e conver-

saram, logo se tornaram grandes amigas. Começaram a encontrar-se todos os dias e iam nadar e brincar no regato que fora construído para a princesa por seu pai.

Alguns dias depois do primeiro encontro, a princesa tirou do pescoço um lindo e valioso colar e pendurou-o em uma árvore à margem do regato. Esqueceu-se de apanhá-lo ao sair da água e ao chegar em casa, supôs que o tivesse perdido. Repensando um pouco, a princesa convenceu-se de que a filha do lenhador havia roubado seu colar. Contou ao pai, que mandou prender o lenhador e confiscou-lhe todos os bens. O velho homem foi posto na prisão e sua filha foi mandada para um orfanato.

Como era costume naquele país, depois de certo tempo, o lenhador foi retirado do calabouço e levado para a praça pública, acorrentado a um poste, com um cartaz pendurado no pescoço, em que estava escrito: "Isto é o que acontece àqueles que roubam dos reis".

A princípio, as pessoas se juntavam em volta dele, escarnecendo e atirando-lhe coisas. Ele se sentia muito infeliz.

Logo, porém, como é comum entre os homens, todos se acostumaram a ver o velho, ali, sentado junto ao poste e quase nem reparavam nele. Às vezes, atiravam-lhe restos de comida, às vezes, nem isso faziam.

Um dia, ele ouviu alguém dizer que era tarde de quinta-feira. De súbito, veio-lhe à mente o pensamento de que logo seria a noite de Mushkil Gusha, o dissipador de todas as dificuldades, a quem ele já havia se esquecido de comemorar há muito tempo. No mesmo instante em que este pensamento lhe ocorreu, um homem caridoso que por ali passava lhe atirou uma moeda. O lenhador o chamou:

- Generoso amigo, você me deu dinheiro que, na situação em que me encontro, de nada me serve. Se, no entanto, sua generosidade for tanta para comprar uma ou duas tâmaras e vir sentar-se para comê-las comigo, eu lhe ficaria eternamente grato.

O homem foi e comprou algumas tâmaras. Sentaram-se e comeram-nas juntos. Quando terminaram, o lenhador contou-lhe a história de Mushkil Gusha.

- Acho que você deve estar louco - lhe disse o homem generoso. Mas ele era uma pessoa bondosa que, por sua vez, enfrentava muitas dificuldades. Ao chegar em casa, naquela noite, verificou que todos os seus

problemas haviam desaparecido. E isto fez com que começasse a pensar muito na história de Mushkil Gusha, mas, aqui, ele também abandona a nossa história.

Logo na manhã seguinte, a princesa voltou ao lugar onde se banhava. Quando ia entrar na água, viu algo que parecia ser o seu colar, deitado no fundo do regato. No momento em que ia mergulhar para tentar recuperá-lo, espirrou, voltando sua cabeça para trás, podendo, então, ver que o que tomara por seu colar era apenas seu reflexo na água, pois, seu colar, na verdade, estava pendurado naquele mesmo galho de árvore onde há tanto tempo ela o havia deixado.

Apanhando o colar, a princesa correu alvoroçada à presença de seu pai e contou-lhe o acontecido. O rei ordenou que o lenhador fosse colocado em liberdade e que lhe fossem apresentadas desculpas públicas. a menina foi trazida do orfanato e todos viveram felizes para sempre.

Estes são alguns dos incidentes da história de Mushkil Gusha. É um conto muito longo, que nunca termina. Tem muitas formas e algumas nem mesmo são chamadas de história de Mushkil Gusha e, por esse motivo, as pessoas não a reconhecem como tal.

Mas, é por causa de Mushkil Gusha que sua história, em qualquer de suas formas, é lembrada por alguém, em algum lugar do mundo, dia e noite, onde quer que haja gente. assim como sua história tem sempre sido contada, o continuará sendo para sempre.

Você quer repetir a história de Mushkil Gusha nas noites de quinta-feira e assim ajudar o trabalho de Mushkil Gusha?

Idries Shah
Caravan of Dreams
The Octagon Press, London, 1968